

CAPÍTULO 2

ESTUDO E IDENTIFICAÇÃO DE VESTUÁRIO DE CUNHO NÃO NATURAL (NÃO-TECIDOS) DE UMA RÉPLICA DO ESTILISTA ANDRÉ COURRÈGES 1960: TÊXTEIS, MUSEUS E PATRIMÔNIO

Data de aceite: 02/05/2024

Kamilly Stecinski

Universidade Estadual de Maringá - CRC
Cianorte - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/0482462979109014>

Ronaldo Salvador Vasques

Universidade Estadual de Maringá - CRC
Cianorte - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7159248225674871>

Silvia Mara Bortoloto Dasmasceno Barcelos

Universidade Estadual de Maringá - CRC
Cianorte - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6099612814560272>

RESUMO: Este projeto de iniciação científica busca identificar e preservar o patrimônio têxtil, por meio do vestuário (réplica) feita pelas acadêmicas do curso de Moda da UEM – Campus Regional de Cianorte, do costureiro André Courrèges dos anos de 1960, peças feita de materiais plásticos. Desse modo, a investigação tem por objetivo identificar como é feita a preservação das peças em museus e quais são suas analogias com a sustentabilidade e roupas de plástico derivadas do petróleo. Para esse estudo, o método utilizado será o teórico-prático, primeiramente de modo

teórico, por meio de estudos de imagens/ fotos e pesquisas bibliográficas, será feito um levantamento de dados para maiores entendimentos históricos e técnicos sobre o assunto. No viés prático, será realizado uma análise com têxteis não-destrutivos, mais especificamente pormenorizar por meio do conta-fio eletrônico e toque sensorial das roupas, desta maneira, analisar e identificar como essas roupas foram fabricadas e usadas, a fim de obter resultados para catalogação das peças na reserva técnica dos museus e/ou instituições. Os autores basilares para este estudo serão Pezollo (2007) que entende de tecidos e suas manufaturas, Merlo (2016) que estuda os museus de vestuários e moda no Brasil e no exterior e Vasques (2018) que corrobora tecnicamente com análise de têxteis na reserva técnica de museus.

PALAVRAS-CHAVE: Têxteis, materiais plásticos, moda e sustentabilidade.

STUDY AND IDENTIFICATION OF NON-NATURAL GARMENTS (NON-WOVEN) FROM A REPLICA BY DESIGNER ANDRÉ COURRÈGES 1960: TEXTILES, MUSEUMS AND HERITAGE

ABSTRACT: This scientific initiation project aims to identify and preserve the textile heritage, through the garments (replica) made by the Fashion course students at UEM - Cianorte Regional Campus, of the couturier André Courrèges from the 1960s, pieces made of plastic materials that are present in museums and/or costume and fashion institutions. The study will investigate clothing worn from the 20th century to the present day. In this way, the research aims to identify how the pieces are preserved in museums and what their analogies are with sustainability and petroleum-derived plastic clothing. For this study, the method used will be the theoretical-practical one, firstly in a theoretical way, through studies of images/photos and bibliographical research, a survey of data will be made for greater historical and technical understandings on the subject. On the practical side, an analysis will be carried out with non-destructive textiles, more specifically detailing through the electronic thread count and sensory touch of the clothes, thus analyzing and identifying how these clothes were manufactured and used, The basic authors for this study will be Pezollo (2007), who understands fabrics and their manufacture, Merlo (2016), who studies clothing and fashion museums in Brazil and abroad, and Vasques (2018), who technically corroborates with textile analysis in museums and institutions.

KEYWORDS: Textiles, plastic materials, fashion and sustainability.

A INDÚSTRIA TÊXTIL ENTRE TRAMAS E URDUMES

A indústria têxtil desde sempre aprendeu a transformar as fibras, os fios, os tecidos, as malhas, não-tecidos e seus beneficiamentos para o uso próprio e para troca comercial.

Ao olhar a história das vestimentas descobre-se que sua origem acompanha os seres humanos desde da pré-história, quando os homens das cavernas utilizavam folhas e curtiã peles de animais para se protegerem. Com o tempo, o homem aprendeu a criar novos objetos e formas de alterar matéria-prima, a manusear fibras e transformá-las em fios e tecidos (VASQUES, 2011, p.28).

A fibra têxtil é construída a partir da matéria prima da qual os tecidos e malhas são fabricados, segundo Daniel (2011, p.21) “as fibras são transformadas em fios pelo processo de fiação. E os fios, por sua vez, diferem entre si e dependem do comprimento das fibras, que pode ser longa ou contínua, como o filamento de poliéster, poliamida, etc”. E como a construção de fio pode se transformar em um tecido? A tecelagem é considerada um grande marco na revolução do ser humano, o trabalho hoje feito por método manual ou mecânico, faz parte da arte, costumes e tradições de diferentes civilizações históricas. A técnica do tecer consiste em passar fios que se cruzam entre si, verticalmente (urdume) e horizontalmente (trama). Os fios utilizados podem derivar de fibras com origem naturais ou químicas (Chataignier, 2006).

As fibras são geralmente definidas pelo seu comprimento, finura e flexibilidade. São a menor parte de um tecido, que procedem de dois grupos, as fibras naturais sendo vegetais, animais ou minerais, onde destacam-se fibras como o algodão (CO), linho (CL), lã (WO), seda (S) e amianto. E as fibras químicas podem ser artificiais ou sintéticas, como por exemplo, o acetato (CA), viscosa (CV), acrílicas (PAC) e poliéster (PES) (Chataignier, 2006).

O nylon, primeira fibra sintética conhecida, foi descoberto pelo químico americano Wallace Hume Carother e patenteado pela empresa DuPont, lançado nos Estados Unidos em 1938. Antes disso, em 1889, o químico francês Hilaire Bernigaud desenvolveu a seda artificial, seguido pelos irmãos Henry e Camille Dreyfus em 1921 com o desenvolvimento do raiom. A partir de 1960, houve uma significativa mudança no mercado mundial devido ao destaque das fibras químicas sintéticas, embora as fibras naturais ainda fossem amplamente utilizadas. Em seu livro Pezzolo (2007) afirma:

A grande aceitação comercial das fibras químicas lançadas entre as duas guerras mundiais motivou o desenvolvimento de novos produtos. Assim, as fibras sintéticas lançadas na indústria têxtil na segunda metade do século XX - poliéster, poliamida e, especialmente, o acrílico - chegaram a ocasionar o declínio do consumo do algodão (Pezzolo, 2007, p. 127).

As fibras sintéticas são obtidas a partir do petróleo, e possibilitam a criação de variados tecidos e efeitos. Entre as fibras sintéticas, o poliéster (PES) é o mais utilizado pela indústria têxtil. Sua matéria-prima é principalmente o ácido tereftálico e etileno glicol, respectivamente, etano diol. “A transformação é realizada por filamentos em fios e o processo é feito pelo derretimento dessa matéria-prima que se efetua geralmente, com temperaturas de mais ou menos 90°C” (Vasques, 2011, p.32). Com as fibras preparadas, essas passam pelo processo de fiação (fibras naturais) ou pela extrusão (fibras químicas) para se obter os fios. Um fio é formado por um ou mais filamentos, respectivamente chamados de monofilamento ou multifilamento. O filamento é a unidade linear que define o comprimento da fibra, para as fibras químicas pode possuir comprimentos indefinidos quilométricos. Daniel (2011, p.22) colabora dizendo: “na fiação as fibras são transformadas em fios pelos processos físicos, através do filatório e, assim, os fios são transformados em tecidos”. Desde já, é importante destacar que existe o grupo dos não tecidos, materiais obtidos sem o uso de teares, resultantes da compactação de elementos fibrosos por processos mecânicos, físicos ou químicos. Estes procedimentos resultam em uma folha contínua de material, seja através do entrelaçamento ou da fusão das fibras, distinguindo-se dos tecidos fabricados em teares pela falta de um padrão direcional nas fibras.

Outro fator de relevância é conhecer a procedência dos têxteis, visto que para se ter uma conservação de um vestuário em museus, bem como na reserva técnica ou na exposição da roupa é necessário conhecer as particularidades das fibras não-naturais artificiais ou sintéticas. Quanto tempo de lavagem à máquina, qual é a durabilidade? Como fica exposto ao sol e ao calor? A luz solar? Desse modo, quais as especificidades que os museus adotam para a preservação e manutenção de roupas em museus?

A PRESERVAÇÃO DOS TÊXTEIS EM MUSEUS E INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Ao examinar o passado da história dos têxteis se torna indispensável a história das vestimentas, sendo que estes são assuntos correlacionados, portanto estudados em conjuntos para se conhecer a origem detalhada dos têxteis e sua história (Vasques, 2011). A origem das vestimentas e dos têxteis se dá na pré-história, quando além de caçar animais para se alimentarem, o homem passou a utilizar peles para se cobrir e proteger-se de ações climáticas.

Com o passar do tempo as civilizações começaram a surgir, a desenvolverem a técnica de tosquiar e tecer e assim surgiram os primeiros tecidos e as primeiras vestimentas. As antigas civilizações utilizavam técnicas para produzir saiotos, túnicas e outras peças drapeadas e plissadas, também faziam uso de diversos materiais como conchas, ossos e pedras para adornar suas vestimentas. Embora similares, cada civilização possui seus costumes, e seu modo de vestir (Vasques, 2011).

Com a evolução dos têxteis, quando surge o conceito de Moda? A referência ao conceito de moda surge no período relativo ao final da Idade Média e início da Renascença (Século XV), e é no final deste século, por conta de mudanças urbanas, surge o comércio e a burguesia. A ascensão da classe burguesa levou à imitação das vestimentas nobres como um meio de ascender na sociedade, porém os nobres rapidamente abandonaram essas peças em busca de novidades, restabelecendo as diferenças de classe. Com o tempo, nos séculos XIX e XX, ocorreram avanços significativos na indústria têxtil, com estudos entre entendidos têxteis e químicos resultando na introdução de novas fibras como as poliamidas. A moda se tornou distintiva, dividida em alta-costura, prêt-à-porter e fast fashion, acompanhada pela discussão sobre práticas sustentáveis. Os têxteis, como parte intrínseca da história individual e social, carregam memórias culturais desde os primórdios da humanidade, refletindo diversas formas e funções ao longo do tempo (Vasques, 2011, p. 27).

A moda não existe sem memória, pois ela é a base para qualquer narrativa de moda, de qualquer país, memória de cultura (Merlo, 2016). Compreender a história e os materiais têxteis é fundamental para reconhecer a importância da conservação e preservação desses, juntamente com o contexto geral do vestuário. Ao longo das gerações, surge a consciência da necessidade de preservação, visando garantir que recursos naturais e manifestações culturais sejam acessíveis às futuras gerações. (Viana; Neira, 2010, p.212). Longo período após o homem começar a produzir e manusear objetos, e iniciar uma história sobre têxteis e vestimentas, surge o conceito de recuperar objetos e resgatar histórias e memórias das civilizações.

Na Europa, as coleções têxteis foram criadas por membros da Igreja Católica ou a realeza, entretanto foi no século XX, com o surgimento dos museus enciclopédicos, no decorrer do século, dividido em categorias específicas, inicia-se a separação e o questionamento sobre o que é preservado e como é preservado no museu. Nesse contexto, os estudos sobre têxteis começam a surgir, porém é apenas em 1960 que surgem os cursos que irão instruir a conservação têxtil, e os programas passam a ser regulados (Viana; Neira, 2010, p.211).

Quanto aos museus de trajes e moda, essas práticas devem ser mais estudadas e experimentadas, pois não se trata de simples roupas do cotidiano, mas sim de importantes peças históricas com memórias. Pois a preservação do vestuário histórico se torna prática de investigação e compreensão da memória e identidade. Contudo, diferentes instituições e profissionais usam diferentes abordagens de conservação e preservação dependendo do papel atribuído ao objeto que está sendo tratado. De maneira geral, os processos com as peças devem ser passíveis, com o intuito de intervenção mínima, sem causar danos.

A deterioração dos têxteis pode ocorrer por diversos fatores como exposição à luz, que não apenas desbota corantes e pigmentos, mas também inicia o processo de degradação das fibras; a poluição atmosférica, que introduz impurezas que podem danificar os tecidos; condições inadequadas do ambiente, como calor e umidade excessivos; danos causados por insetos e uso de etiquetas adesivas, alfinetes ou grampos, que podem criar pontos de oxidação e danificar o tecido de forma irreversível. Para isso Teixeira e Ghizoni (2012, p.55) apresentam como algumas orientações a serem seguidas por museus e instituições ações de conservação têxteis, sendo elas condições controladas tanto durante a exposição quanto no armazenamento; recomenda-se uma iluminação máxima de 50 lux, temperatura entre 18 e 22°C, e umidade relativa entre 45 e 60%; para a limpeza, é aconselhável usar um pincel macio ou aspirador de pó para remover o acúmulo de poeira, cobrindo a peça com um tecido fino e branco durante esse processo, evitando que o tubo do aspirador entre em contato direto com o tecido, tapetes, estofados e outros objetos. Este procedimento deve ser realizado sempre que a peça for retirada ou devolvida à reserva técnica; não é recomendável o uso direto de fungicidas ou inseticidas em objetos infestados por insetos. Em vez disso, é sugerido o uso de sachês contendo várias bolinhas de naftalina, distribuídas sem tocar diretamente nas peças; para armazenar os têxteis, é preferível posicioná-los horizontalmente, sem dobrar, preenchendo os espaços vazios da peça. As superfícies dos objetos devem ser forradas e cobertas com algodão ou TNT. Caso seja necessário sobrepor as peças, as mais pesadas devem ficar na parte inferior. Além disso, é aconselhável separar os tecidos claros dos mais escuros; Peças de grandes dimensões devem ser enroladas para minimizar o risco de danos; ao expor peças de vestuário, é importante utilizar suportes apropriados, como manequins e cabides acolchoados. O tempo de exposição deve ser limitado devido à fragilidade do material.

Pesquisarmos roupas que estão na reserva técnica de museus e instituições de traje e moda é salutar, um tanto instigante. No Brasil e no mundo a década de 1960 foi marcada pelas diversas mudanças sociais, industriais e identidade. Os movimentos sociais cresciam cada vez mais, os jovens contestavam a sociedade, os poderes econômicos e militares, e o mundo passava por transformações socioculturais, o que era refletido também na moda. (Vasques, 2018).

A expansão do movimento hippie trouxe novos conceitos de estética e padrões para o segmento têxtil, moda e cultura, ironicamente se tornando, um dos maiores símbolos do capitalismo contemporâneo.

Os hippies se vestiam com cores, calça boca de sino, camisas tingidas e transmitiam igualdade por meio de peças baratas. Para as mulheres, o uso das calças compridas foi um marco para a década, no geral, o vestido trapézio de Yves Saint Laurent, a mini saia de Mary Quant, os colarinhos gigantes de Pierre Cardin e as roupas de plástico futurista de Paco Rabanne marcaram o período.

A partir da década de 1970 a moda se tornou mais acelerada, nas discotecas os aspectos brilhantes eram 100% poliéster, as meias de lycra, a seda estava sendo misturada com o poliéster e os fios de lurex brilhavam, era uma nova realidade do mercado, ou seja, as misturas de fibras, que é uma prática comum da indústria têxtil desde o século XX.

Segundo Salles (2023, p.19) “é válido considerar duas importantes iniciativas que proporcionam uma revisão catalográfica e documental de suas peças, ajudando assim elucidar melhor os acervos”. Alinhado a este fato, preservar e conservar uma roupa derivada de cunho não-natural na reserva técnica é fundamental, entendermos o tempo de deterioração deste têxtil e da roupa.

DURABILIDADE E IMPACTO SUSTENTÁVEL DAS ROUPAS DE PLÁSTICOS (NÃOTECIDOS) NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – LABORATÓRIO TÊXTIL

Neste momento tem-se discutido muito sobre produto sustentável e preservação do meio ambiente

Quando analisadas, a questão da vida útil das roupas percebe-se uma conexão com a sustentabilidade, pois um potencial maior de durabilidade, conseqüentemente, provoca menor agressão no meio ambiente. Entretanto, uma série de fatores devem ser levados em consideração para se obter a conservação das peças, como a higienização, secagem e armazenamento (Lacerda et al., 2010).

Além disso, é importante destacar que os diferentes tipos de fibras, sendo as fibras de cunho natural (animal, vegetal ou mineral) e as de cunho químico (fibras artificiais ou sintéticas), também possuem diferentes tipos de tratamentos. Daniel (2011, p.27) “fibras químicas são produzidas pelo homem através de processos químicos e físicos. Divide-

se em tipo, artificiais e sintéticas”. No caso das fibras sintéticas, que possuem matérias-primas vindas principalmente do petróleo, conhecidas como plásticos, precisam de atenção nos produtos usados na lavagem, na temperatura quando passadas e cuidados ao serem armazenadas, resistência à luz, calor e micro-organismos devem ser levados em consideração nesta etapa (Lacerda et al, 2010).

Neste contexto temos as fibras não-naturais mais conhecidas na indústria têxtil, entre as sintéticas: Poliamida (PA) e poliéster (PES) e a fibra artificial mais comum Acrílica (PAC). Quanto à vida útil das peças, tendem a ser mais longas do que as feitas de materiais naturais, porém sua durabilidade depende de diversos fatores, como a qualidade dos materiais utilizados, a forma como a peça é fabricada, o cuidado e a manutenção que recebe e a frequência de uso. Em museus, as roupas feitas de materiais plásticos podem ter uma durabilidade prolongada devido às condições controladas de armazenamento e exposição. Com temperaturas, umidade e iluminação controladas, o desgaste é minimizado. Além disso, a manipulação cuidadosa e a exposição limitada contribuem para a preservação das peças ao longo do tempo. Essas medidas permitem que as roupas plásticas sejam preservadas por décadas, permitindo que futuras gerações estudem e apreciem esses artefatos históricos (Viana; Neira, 2010).

Desse modo, o projeto irá investigar e identificar nos museus as fibras de não-tecidos que são provenientes do subproduto do petróleo, os polipropilenos (PP), no caso deste estudo foi realizado um trabalho na disciplina História da Moda Contemporânea em 2020, onde as alunas fizeram a roupa do costureiro André Courrêges inteira desta fibra. Conforme Associação Brasileira das indústrias de não-tecidos (ABINT), a norma NBR-13370, não-tecidos é uma estrutura plana, flexível, porosa, constituída de véu ou manta de fibras ou filamentos, orientados direccionalmente ou ao acaso, consolidados por processo mecânico (fricção e/ou químico (adesão) e/ou térmico (coesão) e combinações destes. De acordo com a Associação da Indústria de Tecidos Não Tecidos (INDA), os não-tecidos são estruturas porosas de folhas ou teias formadas através do entrelaçamento e perfuração de fibras ou filamentos de plástico fundido ou filme plástico. Diferentes dos tecidos, os não-tecidos são mecanicamente, termicamente ou quimicamente produzidos, dispensando a conversão de fibras em fios e processos de tecelagem em sua produção.

A análise também ocorreu na sala 03, bloco y03 das 3 (três) Bandeiras Têxteis (BT), sendo, nº36, nº37 e nº38, do Projeto de Extensão Tecidoteca (TECIDOTECA, 2023) construídas e estudadas que alinhavando com a normas NBR-13370 da ABINT que descreve as particularidades dos tipos de não-tecidos existentes nas aplicações e usos no segmentos de mercado, que são: 1- higiene pessoal, 2- Medicina, 3- Vestuário e Calçados, 4- Aplicações domésticas, 5-Estofaria, 6- Indústria automobilística, 7- Agricultura e Horticultura, 8-Embalagens e Substâncias de Proteção e diversos. Os tecidos não tecidos podem ser descartáveis com vida útil limitada ou muito duráveis. Desempenham funções específicas como absorção, repelência a líquidos, elasticidade, maciez, resiliência,

retardamento de chama, lavabilidade, filtração, amortecimento, barreira bacteriana e esterilidade. Essas propriedades são frequentemente combinadas para criar tecidos adequados para tarefas específicas, e sua utilização pode ser encontrada em diversos segmentos, como por exemplo o vestuário, se tornando um material versátil que pode ter a aparência textura e durabilidade dos têxteis Associação da Indústria de Tecidos Não Tecidos (INDA). Entretanto, neste caso foi realizada a pesquisa com uma roupa de não-tecidos com classificação pela norma como LEVE.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ESTILISTA ANDRÉ COURRÈGES:

Depois de aprendermos sobre têxteis, durabilidade, os não-tecidos, reservas técnicas, museus, patrimônio e moda vamos adentrar sobre a história do costureiro Andre Courrèges que nasceu em 1923 na cidade de Pau na França, após servir na guerra em 1945 se mudou para Paris. Em 1950 torna-se assistente de Balenciaga, onde trabalhou por onze anos. Em 1961 Courrèges, juntamente com sua esposa, inauguram sua própria loja, chamada “templo dedicado à luz” (BRAGA, 2009).

Tendo passado um bom tempo como aprendiz de Balenciaga, Andre Courrèges lançou a própria marca em 1961. Em 1965, causou assombro no mundo da moda com sua coleção de terninhos super modernos e minivestidos mais de dez centímetros acima do joelho, usados com botas brancas sem salto e de biqueiras truncadas. Ele instintivamente encurtou as saias, com Cardin e Quant (BLACKMAN, 2011, p. 232).

Percebemos pelas fontes pesquisadas, Braga (2009) e Blackman (2011), que o costureiro desenvolve suas coleções próprias a partir do ano de 1961 e passados quatro anos em 1965 cria uma coleção que ficou conhecida na história. Courrèges revolucionou a moda da década de 1960, período marcado por mudanças sócio - comportamentais refletidas diretamente sobre a moda. Foi o primeiro a se voltar para os jovens, trilhando o caminho inverso a alta-costura, deixando as ruas influenciarem a moda, era o street fashion (moda de rua) dando seus primeiros passos. Mesmo sendo discípulo de Balenciaga, o estilista buscava sua própria personalidade, em sua primeira coleção André Courrèges apresentou as minissaias, muito menores do que as usadas na época. Em 1964 lançou uma coleção que impactou o mundo da moda a icônica Era espacial, uma coleção de verão com minissaias, minivestidos, botinhas chapéus em formato de capacete, uso de prata, vinil e tops com recortes ou sem costas, usados sem sutiã que impactaram e divertiram a moda com suas criações futurista (Queiroz, 1998).

Em 1967 o costureiro cria um vestido arquitetonicamente esculpido, o vestido linha A. “Apresenta todos os detalhes característicos de sua abordagem futurista do desenho de moda. O vestido linha A é formado de um tecido de lã emaranhada dupla face, dividido na barra, virado para dentro e pespontado para produzir as bordas. (Fogg, 2013, p. 380).

Além de aplicações de margarida, que se tornou uma espécie de marca registrada, Courrèges usava o branco como cor dominante, tons pastel, xadrez grande em verde limão e listrados largos (Queiroz, 1998). Segundo Baudot (2002, p.196) “ainda se acha presente na memória da moda o verdadeiro tufão por ele provocado em 1965. Uma coleção branca que produziu sobre a alta-costura um efeito comparável ao do New Look em 1947. Mais que um grande costureiro, Courrèges é hoje um mito.” Cabe ressaltar que, Didier (2009, p.126) “Courrèges não possui formação de costureiro; depois de cursar engenharia civil, descobrindo com entusiasmo a arquitetura. Em 1943 foi para Paris e descobre os esboços ao folhear uma revista quem era Balenciaga.” Na figura 1 temos o vestido original listrado de André Courrèges da década de 1960 e na figura 2 temos a réplica construídas pelas acadêmicas de moda do ano de 2020 na oficina do curso de moda da UEM Cianorte, construída por meio da disciplina História da moda contemporânea, que analisou as roupas e acessórios do século XX.



Tunique Rayure

Andre Courreges collection 1968 - 1969

Figura 1 – Vestido original listrado 1968-1969

André Courrèges

Fonte: Pinterest (2023)



Figura 2 - Réplica em não-tecidos turma UEM/2020

Fonte: Elaboração Própria (2023)

MÉTODOS ADOTADOS

Para a realização da pesquisa foram abordagem teórico-prático, ou seja, discussão e comprovação teorizada que envolve a comprovação da prática que será trabalhada fisicamente nas instituições e/ou museus de traje e moda. Desse modo, a base teórica foi elaborada por meio da seleção de imagens/fotografias e do estudo da literatura especializada em acervos museus de traje e moda. Na parte prática foram utilizados os métodos e procedimentos de (Vasques, 2018), “que considera os métodos analíticos nos têxteis não-destrutivos”. Para execução destas técnicas, destacam-se os equipamentos tecnicamente adequados como, por exemplo, a análise e fotografia na lupa estereoscópica e no conta-fios manual.

Procedimentos experimentais: O trabalho realizado na instituição seguiu essa sequência: A) Análise e levantamento do contexto histórico da época e do vestuário. B) Seleção do acessório por meio da ficha-técnica; C) Observação dos materiais têxteis por lupa estereoscópica; D) Observação por lupa manual; E) Fotografia de pormenor e por inteiro de cada peça; F) Análise por meio do toque sensorial.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o método utilizado, os resultados obtidos podem ser verificados em fotos de vestuário, por seus pormenores, e materiais têxteis, através de fotos feitas por conta fios- eletrônico, apresentados abaixo:

Vestuário:



Figura 3 - Parte superior

Fonte: Elaboração própria (2023).



Figura 4 - Bolso inferior

Fonte: Elaboração própria (2023).



Figura 5 - Barra inferior

Fonte: Elaboração própria (2023).



Figura 6 - Punho

Fonte: Elaboração própria (2023).

Materiais têxteis:

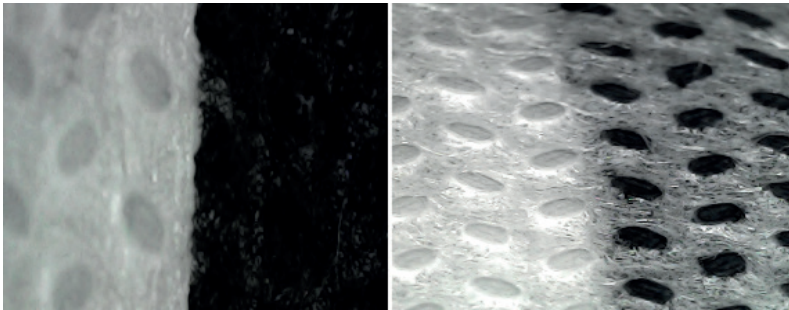


Figura 7 - Não tecido listrado, direito/ avesso

Fonte: Elaboração própria (2024).

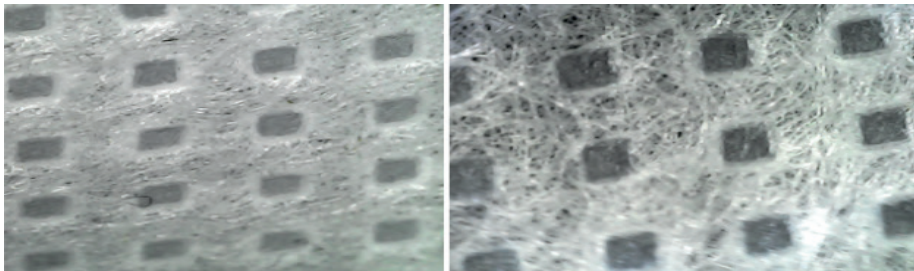


Figura 8 - Não tecido branco, direito/ avesso

Fonte: Elaboração própria (2024).

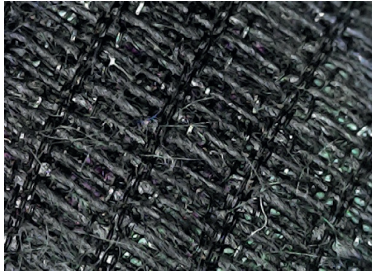


Figura 9 - Botão menor

Fonte: Elaboração própria (2023).



Figura 10 - Botão maior

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados da pesquisa revelaram que a réplica estudada se trata de um vestido de comprimento mini, possui 76 cm, e modelagem trapézio. A peça apresenta uma gola *peter pan* baixa, dois bolsos menores na parte superior com 12x11,5cm (figura 3), dois bolsos maiores na parte inferior da peça com 22x21,5cm (figura 4), uma barra de 2cm costurada com linha de poliéster (figura 5) e amanga possui um martingale grosso (figura 6). Diferente do original, possivelmente feita com o clássico tecido de lã texturizada grossa da Maison Courrèges, segundo informações da peça no Museu, a mesma foi construída por dois tipos de TNT (tecido não tecido) com calandra distintas (figura 7, figura 8, figura 9, figura 10). Além disso, a peça possui botões de plástico encapados com malha de poliéster (figura 11 e figura 12).

Por fim, após os estudos foi possível desenvolver uma Ficha Catalográfica (nº registro:001) com informações sobre: histórico da peça, vestuário, materiais têxteis, morfologia, pormenores dos botões, descrição da peça, dimensões e informações de cuidados com o intuito de colaborar com a instituição na preservação da peça, desse modo tornar a peça um patrimônio da UEM Campus Regional de Cianorte do curso de Moda. Os não-tecidos, representando uma inovação marcante na indústria têxtil, portanto, o estudo dessas peças destaca a importância da preservação e documentação adequadas dos têxteis não naturais como parte do patrimônio cultural.

VESTUÁRIO

VESTIDO ANDRÉ COURREGES

ÉPOCA: PRODUZIDO EM 2020 - MODELO ORIGINAL 1968

DESCRIÇÃO: MINI VESTIDOTRAPÉZIO (REPLICÁ)



DESCRIÇÃO DA PEÇA:

Mini vestido modelo trapézio com manga 3/4 feito de não tecido leve, conhecido como TNT (tecido não tecido), listrado branco e preto. Possui gola peter pan, martingale grosso, transpasse e quatro bolsos, sendo, dois menores na parte superior e dois maiores na parte inferior, em não tecido branco. Cinco botões no transpasse, três botões nos bolsos e dois na manga.

DIMENSÕES:

Comprimento: 76cm
Largura: 51cm
Gola: 33 cm
Manga: 52,5cm



CONTEXTO HISTÓRICO:

A roupa original foi produzida pelo falecido estilista André Courreges, um dos ícones do século XX, conhecido por Ser precursor de peças futurista, e por tornar popular as mini saias.

A peça original foi produzida na década de 60, representa umas das características mais presentes do estilista, as listras limpas em preto e branco.

CUIDADOS PARA CONSERVAÇÃO: PEÇAS DE TNT (TECIDO NÃO TECIDO)

Armazenamento: Guarde em local limpo, seco e ventilado, longe da umidade;

Proteção: Cobrir a peça para evitar sujeira;

Evite Dobras e Amassados: em cabide ou enrolá-la em um tubo de papelão;

Manuseio com Cuidado: evitar rasgos e usar luvas limpas.

Limpeza Suave: Use um pano macio úmido suavemente. Evitar produtos.

Exposição à Luz: Evite luz solar direta para prevenir descoloração.

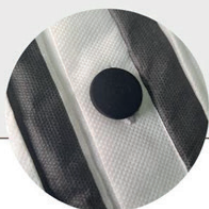
Inspeção Regular: Verifique regularmente para evitar danos e para agir antecipadamente.



Bolsos superiores, com largura de 11cm x 12cm altura, em não tecido branco. Bolso direito esta sem botão.



Gola peter pan baixa, com circunferência total de 56cm x 6cm de largura. Produzida em não tecido branco.



Botões com 2,3cm preto forrados, em transpasse de 9cm x 76cm.



Bolsos inferiores, com largura de 22cm x 23cm de altura, em não tecido branco, com botão.

Manga com 52,5cm de comprimento. Punho com circunferência de 25cm, com martingale de 20cm x 7cm x 5cm, com botão de 1,5cm.



Em última análise, o estudo e identificação do vestuário de Courrèges dos anos 1960 em paralelo ao estudo dos não-tecidos nos convida a contemplar não apenas a evolução da moda, mas também a valorizar a riqueza e a diversidade do patrimônio cultural da moda. Salles (2023, p. 20) comenta: “a reunião de diversos olhares, nacionais e internacionais, sobre o tema, só no impulsiona para que os objetos têxteis possam ter a mesma visibilidade de outros artefatos dentro dos museus, com especialistas que entendam da roupa e a moda como parte da cultura material”. Ao preservar e estudar esses artefatos, estamos contribuindo para uma compreensão mais profunda da história da moda e dos têxteis enriquecendo nossa apreciação pela criatividade e inovação humanas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador e a coorientadora pelo apoio e orientação e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento à pesquisa brasileira. Agradeço também a Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação (PPG) e ao Departamento de Design e Moda (DDM) do curso de Moda da UEM – Campus Regional de Cianorte (CRC).

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF THE NONWOVEN FABRICS INDUSTRY (INDA). 2023. Disponível em: <https://www.inda.org/about-nonwovens/>. Acesso em: 25 set. 2023.

BAUDOT, François. **Moda do século**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BLACKMAN, Cally. **100 anos de moda**. São Paulo: Publifolha, 2011.

BRAGA, João. Histórias: a alunissagem e a alucinação da moda. **dObra [s]**—revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v.3, n.7, p. 30-32, 2009.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecido, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

DANIEL, Maria Helena. **Guia prático dos tecidos**. São Paulo: Ed. Novo Século, 2011.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

GRUMBACH, Didier. **História da Moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LACERDA, A. M. A. et al. A Conservação dos Produtos Têxteis. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., São Paulo, 2010. **Anais [...]** São Paulo, 2010.

MERLO, Márcia. **Museus e moda: acervos metodologias e processo curatoriais**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

QUEIROZ., Fernanda. **Os estilistas**. São Paulo, SP: Senai CetVest, 1998.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecido**: história, tramas, tipos e usos. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

PINTEREST. **Moda dos anos sessenta**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/516717757230057398/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TEIXEIRA, L. C.; GHIZONI, V. R. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis, 2012.

SALLES, Manon. **Museologia da moda**: acervos e coleções no Brasil. Editora: Alameda, São Paulo, 2023.

VASQUES, Ronaldo Salvador. **A indústria têxtil e a moda brasileira**: a urdidura de novos conceitos e percepções do vestir na década de 1960. 2011. 143 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011

VASQUES, Ronaldo Salvador. **Identificação e análise do vestuário/têxteis presente em museus do traje e moda do século XIX**. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Engenharia Têxtil) - Universidade do Minho Escola de Engenharia, Guimarães, 2018. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/55775>. Acesso em: 04 dez. 2022.

VIANA, F.; NEIRA, L. G. Princípios gerais de conservação têxtil. **Revista CPC**, [S. l.], n. 10, p. 206-233, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15667>. Acesso em: 5 fev. 2024.

TECIDOTECA. Blog. Disponível em: <https://tecidotecauem.blogspot.com/>. Acesso em: 03 out. 2023.